

A ESCRITA DE UM “NÓS” A PARTIR DE NÓS

Luiza Costa de Souza¹

Palavras Chaves: Nós; metodologia; experiências; mulheres negras; subversão

Resumo:

Pesquisas contra-hegemônicas precisam ser feitas e pensadas a partir de referências teóricas e um olhar metodológico diferente. Quando se pensa sobre o “Nós” na Antropologia, entende-se que foi um lugar de referência e humanização particular por muito tempo; branco, masculino-heteronormativo e europeu, foi pensado para se referenciar à um estatuto coletivo auto-concedido. E a partir de si definiram-se como modelo da condição de humanidade, assim como detinham o poder da produção de conhecimento e de determinar quem são os “Outros” desse “Nós”, e consequentemente, os desumanizar. Mas, neste processo acadêmico e fora da academia, compreendo que, nós, enquanto pessoas negras, subvertemos esse estatuto e nos construímos como um legítimo “Nós” a partir de Nós. A vista disso, busco com este trabalho pensar uma forma feminino-negra-coletiva de construir pesquisa, com um olhar epistemológico e metodológico a partir de “Nós”, que pensa em comunidade, pertencimento e identificação para fazer Antropologias mais diversas. Com um debate alicerçado na Epistemologia Feminista Negra (COLLINS, 2019) e do conceito do *escrevivências* (EVARISTO, 2020), busco discutir neste trabalho a produção de saberes e as novas narrativas contadas por esse “Nós”, enquanto mulheres negras. Esta análise parte das experiências compartilhadas em entrevistas de pesquisa com minhas três colaboradoras, somadas às minhas próprias vivências. Proponho, então, refletir sobre como tecemos este olhar e material na produção

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA)

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

científica e, também, explorar como a partir disso podemos construir novas formas de vidas para nós, que vão além da colonização branca.

INTRODUÇÃO

A ideia de distanciamento entre o pesquisador e o pesquisado como forma de manutenção da neutralidade e objetividade científica também corrobora para que o que é diferente seja visto na esfera de desigualdade. Aliado a isso, a ideia de pesquisar o que é distante do pesquisador assegurava a legitimidade científica positivista da ciência, no seu início da institucionalização da antropologia enquanto disciplina.

Assim, a Antropologia, enquanto disciplina, consolidou-se a partir de referenciais que, por muito tempo, sustentaram um “Nós” hegemônico: branco, masculino, heteronormativo e europeu. Esse lugar de enunciação não apenas definiu a si mesmo como medida universal de humanidade, mas também estabeleceu quem seriam os “Outros”, frequentemente desumanizados e excluídos da produção legítima de conhecimento.

Nas últimas décadas, contudo, diferentes vozes têm tensionado essa construção, reivindicando epistemologias e metodologias que expressam experiências plurais e não colonizadas. Este trabalho insere-se nesse movimento ao propor um olhar feminino-negro-coletivo sobre a pesquisa antropológica, ancorado na Epistemologia Feminista Negra (COLLINS, 2019) e no conceito de *escrevivências* (EVARISTO, 2020). A partir de entrevistas com colaboradoras e das próprias vivências da autora, busca-se pensar a pesquisa como prática de comunidade, pertencimento e identificação, capaz de abrir caminhos para antropologias mais diversas e comprometidas com a descolonização dos saberes.

● MULHERES NEGRAS E A *OUTRIDADE*

A antropologia tem em seu início dois lugares muito bem estabelecidos, o do “Eu” e o do “Outro”, alguns trabalhos clássicos da disciplina operavam com essa distinção,

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

como o de Malinowski (MALINOWSKI, 1976), que descrevia aqueles que pesquisava como os “Outros”. É curioso que o lugar do “Eu” (que era o pesquisador) não era enunciado, apesar de ter sempre alguém falando por e sobre esses “Outros”. E aqueles que produziam a pesquisa não eram identificados e muito menos realizavam uma reflexão autocrítica sobre as implicações de suas identidades e interferências na construção dos dados e análises. O que podemos entender como uma postura de “*truque de deus*”, Donna Haraway (HARAWAY, 1995) elabora este conceito ao criticar a postura de alguns cientistas que acreditam que a produção de pesquisa é neutra, impessoal e deve ser afastada do seu “objeto” de estudo. Assim, pesquisadores tentariam escrever, analisar de uma posição onipresente e invisível, que, a partir de uma única perspectiva, pode falar sobre todos, em todos os lugares, tempos e que não precisa ser nomeado, alguém que fica em uma posição acima, observando e analisando aqueles que pesquisa. Dessa forma, através da falta dessa reflexão crítica sobre as relações de poder entre pesquisador e pesquisado, e sobre as posicionalidades dos autores, se produz a *outridade*.

Considerando que a antropologia em seu início, no final do Séc. XIX e início do Séc. XX, seguia as bases metodológicas positivistas, que acreditava que precisava manter-se um afastamento e pesquisar algo diferente, pois assim se mantinha o rigor científico e, portanto, os pressupostos basilares de qualquer ciência. Baseado nisso, os antropólogos pesquisavam aqueles que eram diferentes culturalmente de si, sendo os pesquisadores estabelecidos nesse começo da disciplina, em sua maioria, homens brancos estadunidenses e europeus, eles iam até o diferente, ou seja, pesquisavam as culturas não ocidentais. Ou melhor dizendo, pesquisavam pessoas não brancas.

Apesar da antropologia nesse período, ter problemas em nomear, discutir e incluir raça nas discussões, seus estudos sobre cultura estavam diretamente, em toda a discussão falando sobre raça, como nos apresenta Trouillot, em seu texto “Adieu, Culture: A New Duty Arises” (TROUILLOT, 2003). Mas ao utilizar “cultura” enquanto uma unidade de análise, tudo se resumia e explicava por essa totalidade, assim, os antropólogos não

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

debatiam sobre a questão racial e suas implicações na realidade que estudavam. Desse modo, fomentando o racismo no meio científico, pois ao não refletirem sobre isso continuavam a produzir conteúdos e estudos que não problematizam a relação de poder da autoridade etnográfica e essas implicações para a construção da noção desse “Outro”.

Tendo isso em vista, os pesquisadores podiam se colocar nessa posição invisível e onipresente do “Eu”, produzindo uma perspectiva de uma suposta universalidade, a partir da qual poderiam falar sobre todos. Assim como, também, não realizavam uma prática auto reflexiva sobre as suas interferências na pesquisa. Pois não eram contestados e sabiam que estavam de acordo com a ciência positivista, o que está diretamente interligado com a posição de poder que sentiam por serem quem eram. Portanto, o signo de “Outro” foi dado para todos aqueles diferentes do homem branco, desse modo, aqueles que ocupavam o lugar da *outridade* tinham suas identidades e práticas culturais desumanizadas, pois eram coisificados e utilizados à serviço do saber antropológico.

E na academia nós, mulheres negras, fomos utilizadas enquanto experimento, **objetos** de estudo, alvo de exotização e racismo, como coisas a serem utilizadas à vontade por homens brancos em favor da ciência. Nos desumanizaram e tentam ainda hoje nos desumanizar. A historiadora Saidiya Hartman em seu texto “Vênus em dois atos” (HARTMAN, 2021) no apresenta a história de Sarah Baartman, comumente conhecida como “a vênus negra”, a qual foi usada como cobaia para diversos estudos pseudocientíficos e também exposta e exibida em museus e “espetáculos” devido ao seu corpo “exótico”. (HARTMAN, 2021) Então, em nome do conhecimento colonial, a ciência nos utilizou e nos nomeou como esses “Outros” que estavam ao seu dispor, que eram tão diferentes e precisavam ser revirados para testes, e assim, produzirem “estudos” sobre nós. Mas com muita luta de ativistas e acadêmicos negros passamos a ocupar um lugar diferente na academia, mesmo que em menor quantidade em relação aos pesquisadores brancos. Agora podemos ser pesquisadoras.

Porém, ainda somos tratadas como “Outras” nessa disciplina, o signo da *outridade* nos é atribuído, não somos reconhecidas e nem nossas produções possuem o mesmo respeito que a de pesquisadores brancos. A antropóloga e atual presidente da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) foi a primeira presidente negra da associação, o que ocorreu apenas em 2025. Luciana Dias (DIAS, 2021) advoga por uma Antropologia Negra e é crítica sobre o cenário antropológico de seu início a sua configuração atual. Então, “detendo um enfoque na produção e conhecimento antropológico no Brasil, direcionando a atenção para os sujeitos produtores desses conhecimentos, não é de difícil constatação a ausência quase absoluta de antropólogas negras e antropólogos negros atuando no campo e escrevendo sobre Antropologia.”. (DIAS, 2021, p. 2) Dessa forma, a autora nos mostra, então, como a antropologia não age com dádiva em relação a nossa contribuição (DIAS, 2021).

Nunca foi agradável enquanto uma intelectual em formação ler coisas tão irreais sobre outras pessoas negras. A escravidão é um exemplo de como pessoas negras deixaram de ser pessoas para serem corpos a merce dos brancos escravocratas, através de trabalhos antropológicos foi triste ver que a exploração e aniquilação de saberes e de configurar, pessoas como eu, como pessoas também não tinha muito espaço. Me fez e ainda hoje faz questionar o que eu faço aqui e o que eu posso fazer para contribuir com outras e outros intelectuais negros e negras que empregaram esforços físicos, intelectuais e psicológicos para que eu pudesse estar hoje num programa de pós-graduação.

- **SUBVERSÃO DO LUGAR DO “OUTRO”**

Ao pensar na nossa realidade na sociedade brasileira, Lélia Gonzalez em seu famoso trabalho “Racismo e sexismo na cultura brasileira” (GONZALEZ, 1984), mostra a posição desigual que nós vivemos e experienciamos. Fomos construídas como as outras na sociedade brasileira, por parte, é claro, das pessoas brancas que habitam este espaço conosco. Mas, apesar dessa tentativa de domesticação e desumanização, nós nos

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

construímos como algo além, enquanto seres insurgentes. Estamos sempre em busca da liberdade e de quebrar os grilhões que nos acorrentam à *outridade*. “Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, **o lixo vai falar, e numa boa.**” (GONZALEZ, 1984, p. 78)

Estamos aqui, na academia, nas ruas, vivendo e subvertendo o que tentaram nos fazer ser. E tentam muito fazer com que a gente seja pouco, tão pouco que a gente deixa de ser gente. Mas a gente continua aqui, e continuaremos. Eu continuo aqui na academia, tentando, errando, aprendendo, sangrando e duvidando de mim, mas também cercada de amor e apoio que me fazem acreditar no que faço e que devo, sim estar aqui. Enquanto escrevo este texto estou no meu segundo semestre do mestrado, e até o momento tem sido árduo, mas também encantador, porque entendo o que me faz gostar da antropologia, e me lembro do seu potencial de construir coisas novas e romper com violências nossas.

Nesse sentido, assumir nosso lugar de falar por nós, é assumir a posição do “Eu” pesquisador, porém nos tornamos um “Eu” diferente, coletivo e construído por mulheres negras, desse modo ocupamos e construímos o lugar do “Nós” na produção de conhecimento. Mulheres negras ao ocuparem o cargo de pesquisadoras produzem uma nova rede e forma de produção de conhecimento, fora da dinâmica de separação e de hierarquia entre “Eu” e o “Outro”, construindo antropologias mais diversas e sensíveis à realidade. Principalmente, quando nós estudamos outras mulheres negras repensamos e ultrapassamos essa relação hierárquica de poder, pois percebemos que temos experiências compartilhadas entre nós.

Realizei durante o ano de 2023-2024 uma pesquisa de um projeto de iniciação científica, intitulada “Vivências subjetivas do racismo: mulheres negras e emoção”, para entender como mulheres negras se sentem em espaços majoritariamente brancos, a partir do campus universitário da Praia Vermelha da UFRJ. A pesquisa contou com minhas experiências e também das minhas três interlocutoras. Nela foi possível refletir sobre o

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

meu envolvimento e interferências na pesquisa, e como eles são diferenciados se comparados com outros pesquisadores, especialmente os brancos, pois analisei minhas experiências enquanto pesquisadora negra e também enquanto (naquele momento) uma aluna que habitava aquele espaço. E mesmo com essa dupla posicionalidade, o fato de ser uma mulher negra se sobressaía e me garantia as mesmas experiências das minhas interlocutoras. As dores relatadas por elas eram compartilhadas, compreendidas e experienciadas por mim também ao estar naquele espaço. Então, me coube pensar, o que isso produzia e transformava na forma de construir antropologia?

O que leva à reflexão sobre uma forma mais próxima que poderíamos ter de uma relação de pesquisa mais horizontal; a qual pesquisadora e suas pesquisadas constroem a pesquisa juntas, a pesquisadora se coloca no lugar de alguém que também está sendo pesquisada. Porém, não posso ser ingênua e esquecer que mesmo tentando ao máximo produzir esse tipo de relação na pesquisa, é preciso considerar e ter consciência de que ao final apenas uma pessoa tem o interesse e terá que escrever uma etnografia, ou seja, não é possível escapar das relações de autoridade etnográfica, mas devemos tentar, como desenvolve Lila Abu-Lughod. (ABU-LUGHOD, 2018)

Então, percebo que estamos pensando e nos empenhando em produzir novas antropologias, ao ocuparmos cada vez mais a antropologia. A antropóloga Zora Hurston (HURSTON, 2019), em seu texto “O que os editores brancos não publicarão”, discute sobre o porquê os editores brancos e a academia não estão interessados em histórias de pessoas negras que não estejam em situação de outridade, ou seja, do exótico, miserável, desumanizado, criminoso e desprovido de racionalidade e sentimentos. A antropóloga afirma que os escritores brancos não estão interessados em publicar histórias escritas por e sobre pessoas negras que sejam diferentes do material já produzido. (HURSTON, 2019) Histórias essas que fogem da lógica racista de perpetuar narrativas que nos essencializam e nos constroem apenas a partir da dor, sendo sempre estigmatizados. Desse modo, tentam

controlar nossas narrativas, para nos tirar a possibilidade de sermos algo além de meros “Outros” deles.

Penso que a *branquitude* (BENTO, 2022) não quer lidar e ler pessoas negras vivendo e sendo semelhantes a eles, não querem nos reconhecer na humanidade e nem que nossas diferenças não são negativas, assim como, não querem ler produções sobre nós que não sejam construídas a partir do racismo. A nossa humanização não é algo que se dá ou se pede, nós definitivamente não pedimos esperando essa autorização deles. O que mobilizamos é a reconstrução e subversão de nossas narrativas foi feita por nós, a partir de nós e para nós. Então, o esforço de ter mais conteúdos científicos que nos reconstroem para além da dor são iniciativas nossas. E este processo é ir contra a narrativa que fizeram de nós, e que tentaram, e ainda tentam, nos fazer acreditar, mas nós rejeitamos este lugar. Por isso, é preciso ter cada vez mais pessoas negras pesquisadoras criando sobre nós e do nosso jeito.

- **RESSIGNIFICANDO AS FISSURAS**

Nós estamos falando por nós e a partir das nossas experiências, nesse sentido, a socióloga Patrícia Hill Collins, nos faz refletir com seu trabalho “Epistemologia Feminista Negra” (COLLINS, 2019), que ao utilizarmos nossas experiências na academia as transformamos em construção de saberes científicos. Na pesquisa citada acima, utilizei as experiências das minhas colaboradoras de pesquisa e as minhas próprias como parte do material e base primordial da pesquisa, foi a partir delas que a pesquisa se originou e se estabeleceu. Dessa forma, me ancoro nesta epistemologia para pensar as nossas experiências vividas enquanto critério de significado e de validação no processo de investigação científica.

A partir disso pude perceber a nossa forma negra-coletiva de identificação uma com as outras, e de como é possível produzir conteúdo acadêmico e também ressignificar essas fissuras. Para além dos relatos doloridos e fissuras causadas pelo racismo, o que se destacou nas nossas falas foi o **compartilhamento**. Por exemplo, ao questionar minhas

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

interlocutoras sobre como se sentiam naquele espaço todas descreveram enquanto uma “sensação de desconforto”, assim, como também foram as minhas experiências. Assim, como a nossa percepção do nosso estado corporal ao estar nesse espaço, que, em alguma medida, se encontravam: sentir os ombros tensos, o corpo endurecido, tentar andar o mais ereto possível, expressões sérias, desconforto tão grande que tentamos ficar caladas e a vontade de passar despercebidas.

Junto a isso, outras preocupações eram coletivas, como, ao estar nesses espaços tentávamos nos vestir mais de acordo com a norma localizada, para evitarmos passar por algum constrangimento. Por exemplo, Leandra (nome alterado de uma das interlocutoras) compartilhou que sempre pensa muito sobre como irá vestida para suas aulas na faculdade, pois não se sente à vontade para usar roupas e assumir sua estética, que costuma vestir no seu cotidiano. Ela diz

“Po eu construí por anos gostar do meu cabelo, adoro pintar o meu cabelo e tacar um nevou, e aí eu chego lá e eu vejo a polícia parando uns garotos na porta da faculdade, vejo uns vinte moleques parados assim na calçada e a polícia dando uma dura neles, e a maioria tudo com o cabelo igual ao meu e roupas também, tá ligado? Sabe, como eu vou me respaldar para não passar por isso? E é muito triste falar isso, mas como eu me separo dessas pessoas para não passar por isso?” (retirado das gravações das entrevistas)

Nesse sentido, aliado à base teórico-metodológica que a Epistemologia Feminista Negra (COLLINS, 2019) nos fornece, podemos pensar as contribuições de Conceição Evaristo sobre o conceito de *escrevivência* (EVARISTO, 2020). Evaristo não teve a intenção de criar um conceito, mas sua escrita e forma de construir narrativas tomou esse caminho e a conduziu a pensar vivências e escrita, como ela compartilha. (EVARISTO, 2020) A escritora define que esse processo de criação é “conceber escrita e vivência, escrita e existência, é amalgamar vida e arte, Escrevivência.” (EVARISTO, 2020, p. 32) A autora frisa também o sentido de identificação coletivo que o conceito constrói em suas histórias, ela quer que nós nos vejamos nas dores e alegrias dos personagens, pois retratam o que vivemos na sociedade. Mas também a escrevivência, é um convite a sonhar. De escrevemos sobre nós unindo nossas vivências compartilhadas para subvertemos os

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

malefícios que nos foram causados, as imagens essencializantes, por isso, é preciso utilizarmos desses recursos para nos projetarmos para além e seguirmos ressignificando essas fissuras.

Dessa maneira, acredito fazer sentido utilizar essa forma de escrita para a nossa produção acadêmica. Assim, contamos nossas realidades, que perpassam pelas alegrias de sermos negras, mas também as dores que nos acompanham. E é com essa sensibilidade que podemos transformar a antropologia e sua produção de conhecimento, assim como, mudar a nossa auto-percepção e a possibilidade de nos construirmos de outra forma, na academia e para além dela.

Acredito ser possível produzir conhecimento acadêmico que sejam bálsamo para nossas dores. Se inicialmente só tínhamos nossos corpos e vidas à mercê do racismo científico e só ocupávamos esse lugar enquanto objetos de estudo, hoje podemos ocupar esse lugar e o transformar coletivamente, com as nossas dores e para além delas, com narrativas mais justas, humanizadas e sensíveis a nossas realidades e vivências. Ou seja, é preciso *negritar* a antropologia. (DIAS, 2021)

CONCLUSÃO

Ao longo desta reflexão, foi possível evidenciar como o deslocamento do “Nós” hegemônico para um “Nós” feminino-negro-coletivo permite não apenas tensionar os alicerces epistemológicos da Antropologia, mas também inaugurar novas possibilidades de produção de conhecimento. As experiências compartilhadas em campo, somadas às *escrevivências* (EVARISTO, 2020) que atravessam a própria pesquisadora, revelam a potência de metodologias enraizadas na coletividade e no pertencimento, capazes de afirmar narrativas que historicamente foram silenciadas. Assim, mais do que propor um exercício teórico, este trabalho aponta para a urgência de pensar práticas científicas que se afastem da lógica colonial e se orientem pela multiplicidade de vidas e experiências. Construir um “Nós” a partir de nós mesmas, enquanto mulheres negras, significa não só

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

reconfigurar a forma de fazer Antropologia, mas também afirmar projetos de futuro que rompem com a desumanização e produzem mundos mais diversos, justos e possíveis

REFERÊNCIAS:

ABU-LUGHOD, L. A Escrita contra a cultura. *Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*, v. 5, n. 8. – S23, 2018.

BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019 [1990].

DIAS, Luciana. *Circuitos antropológicos: por uma Antropologia Negra no Brasil*. *Novos Debates: Fórum de Antropologia*, v. 10, n. 2, 2021.

EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabela R. (org.). *Escrivivência - a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, 1984, p. 223-244.

HARAWAY, Donna. *Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*. Traduzido por Mariza Corrêa. In: **Cadernos Pagu**, nº 5, Universidade Federal de Santa Catarina, p. 7-41, 1995.

HARTMAN, Saidiya. “Vênus em dois atos”, in C. Barzaghi; S.Z. Paterniani; A. Arias. (org.), *Pensamento negro radical: antologia de ensaios*. São Paulo, Crocodilo, N-1 Edições, 2021.

HURSTON, Zora Neale. “O que os editores brancos não publicarão”. *Ayé: Revista de Antropologia*, v.1, n.1, 2019.

MALINOWSKI, B. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural. [1922]. 1976, p. 21-74.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

TROUILLOT, Michel-Rolph. “Adieu, Culture: A New Duty Arises”. In: Global Transformations. Anthropology and the Modern World. New York: Palgrave, 2003, pp. 97-116.